



## “Sem revolução não há nação”: a nação cubana nos escritos de Fidel Castro( 1953-1959)

David Souza Fernandes

Graduando em História pela Unimontes  
degasouza@yahoo.com.br

**RESUMO:** O processo revolucionário cubano é um dos momentos mais importantes na história de Cuba. O ideário político de Fidel Castro influenciou nos rumos do sistema de governo que foi implantado em Cuba pós a revolução. Assim, vamos estudar os textos escritos por Fidel Castro entre 1953 e 1959 para verificar em que medida o líder principal da revolução já compartilhava de um projeto nacional para Cuba. Fazer a análise dos indícios da formação de um projeto nacionalista presente no ideário político de Fidel Castro passa por necessidade de correlacionarmos os escritos de Fidel com algumas idéias nacionalistas. Será através da revolução que os símbolos nacionais, datas comemorativas, monumentos, nomes de repartições públicas serão representados na “comunidade imaginada” cubana. O estudo da relação entre o processo revolucionário cubano, a ideia da nação e os escritos de Fidel Castro na construção de um projeto nacional é o nosso principal objetivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revolução Cubana, Fidel Castro, Nação.

**ABSTRACT:** The Cuban revolutionary process is one of the most important moments in the history of Cuba. The Castro's political ideas influenced the direction of the government system that was deployed in Cuba after the revolution. Thus, we will study the texts written by Fidel Castro between 1953 and 1959 to ascertain to how much did the main leader of the revolution had already shared a national project to Cuba. To analyze the evidence of the formation of a nationalist project in the present political ideas of Fidel Castro it is necessary to correlate the writings of Fidel with some nationalistic ideas. The analysis will be through the national symbols, holidays, monuments, names of government agencies represented inside the "imagined community" in Cuba. The study of the relationship between the Cuban revolutionary process, the idea of the nation and the writings of Fidel Castro in the construction of a national project is our main goal.

**KEYWORDS:** Cuban Revolution, Fidel Castro, Nation.

### Introdução

O processo revolucionário cubano é um dos momentos mais importantes na história de Cuba. Um ano antes de completar 50 anos de revolução, o líder máximo desse acontecimento, Fidel Castro, renuncia passando o poder para seu irmão Raúl Castro. Com essa transição de poder, Cuba volta a ser foco de debates e discussões sobre os rumos do regime na ilha, um sistema de governo que sempre gerou polêmicas e controvérsias. Nas palavras de Emir Sader<sup>1</sup>, a revolução cubana foi: “uma das poucas revoluções do continente americano que realmente é

<sup>1</sup> SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985, p. 5-6.



digna de receber o nome de revolução”. Veremos que o caminho dessa revolução é muito influenciado por um de seus líderes. O processo revolucionário cubano foi importante não só pelo fato de que trouxe várias mudanças sociais e políticas, mas também pelo fato de ter desencadeado a construção de um ideário nacionalista para o povo cubano em torno da simbologia que foi construída em torno da Revolução em 1959.

De grande expressão na América Latina, o movimento revolucionário cubano que inicia com a tentativa de tomar de assalto o Quartel Moncada, em 1953, e derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista, ganhou forças para lutar intensamente pela “democracia” do povo cubano. Desde então, a luta iniciada por José Martí no final do século XIX contra o colonialismo espanhol e que levará Cuba a tornar-se independente em 1898 é retomada por Fidel Castro e seus guerrilheiros, mas agora não são os espanhóis os inimigos, e sim os norte-americanos e a Ditadura do General Fulgêncio Batista. Será essa luta de Fidel Castro contra o imperialismo norte-americano o aspecto mais marcante de demonstração do nacionalismo cubano.

O triunfo revolucionário cubano passa a fazer parte dos discursos políticos da América Latina. Bastante discutida, a Revolução passa a ser foco de várias pesquisas e estudos, principalmente pela forma política que Fidel Castro implantou na ilha pós a Revolução e pelo projeto de nação elaborado por ele que visava a uma transformação social radical na vida do povo cubano, que mais tarde iria se transformar em um Estado “socialista”. Em pleno período de Guerra Fria o “perigo vermelho” desembarca na América Latina promovendo uma expressiva mudança na conjuntura política.

O ideário político de Fidel Castro influenciou os rumos do sistema de governo que foi implantado em Cuba após a revolução. Assim, vamos estudar os textos escritos por Fidel Castro entre 1953 e 1959 para verificar em que medida o líder principal da revolução já compartilhava de um projeto nacional para Cuba.

Fazer a análise dos indícios da formação de um projeto nacionalista presente no ideário político de Fidel Castro passa pela necessidade de correlacionarmos os escritos de Fidel com algumas idéias nacionalistas. Castro, após ser preso pela tentativa de tomar de assalto o Quartel Moncada em 1953, escreve um livro<sup>2</sup> em que apresenta cinco leis revolucionárias que seriam implementadas caso o ataque tivesse obtido sucesso, e que após a revolução de 1959 será o plano de governo adotado por ele em Cuba. São essas leis a principal estratégia de divulgação do ideário

---

<sup>2</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.



de nação de Castro. Elas também servirão como instrumento de nacionalização das riquezas cubanas. É através dessas leis que a Revolução promoverá as mudanças sociais em Cuba. O livro também conta com importantes aspectos para o nacionalismo cubano, como a exaltação dos que combateram e morreram no ataque ao Quartel Moncada, a memorização dos que lutaram pela independência cubana – em especial José Martí, além de representar toda uma simbologia nacional em relação à ideia de nação de Fidel. A correlação que existe entre as leis revolucionárias e o pensamento nacional de Fidel Castro com a ideia da nação são fundamentais para entendermos um pouco o porquê da Revolução ter perdurado por mais de cinquenta anos.

Podemos observar que durante o processo revolucionário a atuação de Fidel Castro foi fundamental para o sucesso da revolução. Durante esse processo, seus escritos e pronunciamentos apontam indícios que podem ser estudados e correlacionados com alguns conceitos nacionalistas. Dessa maneira, podemos observar qual a importância da revolução para a formação do nacionalismo cubano, uma vez que o processo revolucionário irá apresentar os elementos fundamentais para a construção de uma identidade nacional. Foi o processo revolucionário que trouxe a junção da unidade territorial com a unidade política, eliminando a influência imperialista norte-americana. Será por meio da revolução que ocorrerá a articulação entre Estado-Nação-Povo, pois foi em 1959 que foi derrubada a Ditadura Militar que oprimia a soberania do povo cubano. E será através da revolução que os símbolos nacionais, datas comemorativas, monumentos, nomes de repartições públicas serão representados na “comunidade imaginada” cubana.

200

O estudo da relação entre o processo revolucionário cubano, a ideia da nação e os escritos de Fidel Castro na construção de um projeto nacional é o nosso principal objetivo.

## **A Revolução**

### **Fidel Castro e a Construção da Luta Revolucionária**

O século XX apresenta um grande número de revoluções. Podemos citar como exemplo a Revolução Mexicana, Russa, Chinesa e a própria Revolução Cubana. Para a América Latina, a revolução representa um exemplo de resistência contra a opressão de governos ditatoriais e que através da luta armada e do apoio “popular” conseguiu triunfar. Fidel Castro fala em um de seus livros sobre a atitude de se rebelar contra governos que usurpam o direito de liberdade da sociedade

Um homem que se conforma em obedecer às leis injustas, e permite que o país em que nasceu seja pisoteado pelos homens que o ofendem, não é um homem honrado...



No mundo deve haver certa dose de decência como dever haver certa quantidade de luz. Quando há muitos homens desonestos, há sempre outros que são portadores da dignidade da maioria. São esses os que rebelam com força terrível contra os que roubam a liberdade ao povo, que é o mesmo que roubar dos homens sua dignidade. Esses homens são interpretes de milhares de outros homens, de um povo inteiro, da dignidade humana.<sup>3</sup>

Em 1º de Janeiro de 1959, é concretizado o triunfo revolucionário cubano. O caminho até a vitória de Fidel Castro e seus guerrilheiros pode apresentar duas faces distintas. De um lado, podemos analisar a Revolução Cubana como uma intensa luta de guerrilheiros que, com apoio de camponeses, lutaram contra o Governo Ditatorial de Fulgêncio Batista. Dessa forma podemos interpretar que esse processo inicia-se no final de 1956 quando um iate com 82 homens liderado por Fidel Castro desembarca em Cuba. Esse grupo iniciou uma batalha contra o exército de Batista utilizando-se de táticas de guerrilhas e, com o apoio popular conseguem derrubar o Governo. Outra leitura é a de que a Revolução foi um processo iniciado um pouco antes de 1956. Nessa visão, a tentativa de Fidel Castro e de seus companheiros de tomarem de assalto o Quartel Moncada em 26 de julho de 1953, foi o marco inicial do processo revolucionário. Existe também quem analisa o processo revolucionário cubano como uma luta iniciada em meados do século XIX com o processo de Independência da Ilha<sup>4</sup>. Para que possamos melhor entender o 1º de Janeiro de 1959, optamos pela segunda abordagem.

201

Em 1952-53 o advogado Fidel Castro, insatisfeito com o governo de seu país, que fora instalado de forma inconstitucional, resolve então consultar as leis constitucionais de seu Estado e mover uma ação contra o então presidente Fulgêncio Batista, acusando-o de “mudança violenta da forma de governo estabelecida, golpe armado contra os poderes constitucionais do Estado”<sup>5</sup>. O caso não vai muito adiante, Batista havia sufocado toda e qualquer forma de democracia existente naquela república.

Insatisfeito com o resultado daquela ação, Fidel resolve então buscar uma nova forma de tentar restabelecer um governo democrático em Cuba. Eis que surge a ideia de tomar de assalto o Quartel Moncada, situado na cidade de Santiago de Cuba. O quartel ficava em uma região bastante conhecida pela sua efervescência política desde a época da independência, e ali poderiam encontrar um maior apoio. Soma-se ainda o fato de que há uma distância muito grande entre Santiago de Cuba e a capital Havana, o que levaria certo tempo para que as tropas de

<sup>3</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 91.

<sup>4</sup> Florestan Fernandes em seu livro *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana* e Emir Sader em *A Revolução Cubana* analisam o processo revolucionário cubano como uma luta iniciada no período colonial e neocolonial.

<sup>5</sup> SADER, Emir. *A Revolução Cubana*, p. 18.



Fulgêncio reprimissem o ataque. O objetivo imediato de Fidel e seus companheiros era a tomada do quartel. Após isso, imediatamente seriam distribuídas armas para a população. Com a população armada iniciaria a ocupação dos pontos mais importantes da cidade e do Estado. Com a divulgação que o quartel estava ocupado e com o apoio popular, seria restabelecida a democracia em Cuba.

Chegado o dia, Fidel e seus companheiros marcham rumo a Santiago, munidos de poucas armas e com baixo poderio militar. Instalam-se em um sítio próximo ao quartel para acertar os últimos detalhes do ataque, que estava previsto para as cinco horas da manhã do dia 26 de julho de 1953. O grupo se dividiria em três, um atacaria o Quartel Moncada, o outro o Palácio da Justiça e o último o Hospital Civil. Iniciado o ataque, a falta de sintonia e organização entre as frentes acabou atrapalhando a operação. Alguns combatentes foram mortos, outros presos e muitos fugiram para Sierra Maestra. Gradativamente, os combatentes que conseguiram se refugiar na Sierra foram sendo presos ou mortos pelo exército de Batista.

Preso por uma patrulha do exército, Fidel Castro passou a ser considerado um dos principais opositores do governo de Batista. Sendo submetido a um processo especial. Castro, que era advogado, fizera sua própria defesa. Esta viria a tornar-se o projeto a ser seguido pelo Movimento 26 de Julho. A dissertação de defesa de Fidel intitulada a *História me Absolverá* faz uma pesada denúncia das arbitrariedades do Governo de Batista e do tratamento que lhe foi dado quando estava preso; defende o direito de resistir e, até mesmo, atentar com violência contra os governos tiranos. Fala da condição em que vive o povo cubano, apontando suas mazelas e suas aspirações. O texto ainda apresenta uma série de medidas que seriam implantadas caso o ataque ao quartel tivesse obtido sucesso: as leis revolucionárias, que seriam divulgadas pelos meios de comunicação. Dadas as circunstâncias de um governo ditatorial, os juízes condenaram Fidel Castro a quinze anos de prisão. Seu irmão, Raul Castro, que também havia participado do atentado ao Quartel Moncada, recebeu a mesma pena. Preso na ilha de Pinos e em cela separada, Fidel reescrevera sua dissertação de defesa, que se transformara em uma espécie de livro-cartilha, com o objetivo de serem divulgadas centenas de exemplares ao povo cubano. O objetivo era manter acesa a chama do movimento revolucionário a fim de que o povo cubano tivesse conhecimento dos planos do autor.

Enquanto isso, o ditador Fulgêncio Batista iniciava o processo de abertura política em Cuba. Aproveitando essa situação política, a população inicia uma campanha pela anistia. Em 1955, Batista decidiu conceder anistia aos presos políticos. Fidel Castro e seus companheiros são



libertados e recebidos com exaltação em Havana, no entanto, a polícia estava “de olho” em Fidel e seus companheiros, o que dificultava uma nova organização revolucionária. Com todo esse clima de perseguição política, Fidel resolve se exilar no México, para organizar o Movimento 26 de Julho.

No exílio, Fidel e seus companheiros preocuparam-se com o trabalho político de divulgar a luta revolucionária e de treinar militarmente os seus companheiros. Não podemos nos esquecer de destacar a adesão de dois jovens que irão se tornar grandes líderes do movimento revolucionário, Ernesto Guevara e Camilo Cienfuegos,

O primeiro um jovem argentino, médico, asmático... O jovem foi para o México... Para refletir sobre como obter a melhoria das condições de vida do povo da América Latina, o segundo era um jovem cubano de caráter rebelde que estava nos EUA, que ao saber do movimento resolveu aderir.<sup>6</sup>

Enquanto o grupo se organizava no México, em Cuba uma ramificação dele também se preparava para a volta de Fidel e seus companheiros. Foi proposto que, em 1956, quando o grupo revolucionário desembarcasse na Ilha, uma série de manifestações deveria ocorrer para atrair a atenção da polícia e do exército. Cumprindo com sua palavra em dezembro de 1956, em um barco de nome Granma, Fidel e seus companheiros desembarcam em Cuba, mas devido a um desencontro entre a chegada de Fidel e as manifestações que deveriam ocorrer simultaneamente, a polícia e o exército já estava preparada para uma possível tentativa de ataque. Após o desembarque, os revolucionários são surpreendidos pelo exército. Em uma batalha desigual, muitos militantes são mortos e os que sobrevivem vão se abrigar mais uma vez em Sierra Maestra.

A essa altura, o espírito revolucionário e de persistência de Fidel e de seus companheiros na resistência contra a ditadura de Fulgêncio começava a contagiar o povo cubano. Através da luta de guerrilha e com apoio dos camponeses e a divulgação de idéias que beneficiariam o povo, o que era sonho começa a se tornar realidade. Os revolucionários começam a receber ajuda e adesão da população. A guerrilha estava bem organizada, tinha “hospital”, rádio, “escola”<sup>7</sup>. Com algumas vitórias militares na Sierra, o espírito revolucionário aumenta ainda mais e os frutos da vitória começam a ser colhidos. Nas cidades, grupos já começam a aderir à ideia de derrubar o Governo tirano de Batista. A guerrilha cada vez mais ganha território. O general Fulgêncio

<sup>6</sup> SADER, Emir. *A Revolução Cubana*, p. 28-29.

<sup>7</sup> Entenda hospital como local onde eram tratados os guerrilheiros feridos e parte da população camponesa que sofria de alguma enfermidade e escola como local onde eram alfabetizados guerrilheiros e parte da população camponesa.



Batista, vendo que não pode mais controlar a guerrilha e a agitação popular, foge de Cuba e vai se esconder na República Dominicana, pois nem os EUA aceitaram receber Fulgêncio. Nessas circunstâncias, estava decretado o fim da ditadura do general Batista. Fidel e seu grupo já marchavam junto à capital Havana e o triunfo revolucionário cubano estava concretizado, no dia 1º de Janeiro de 1959. Após inúmeras tentativas,

Cinco anos e meios depois do assalto ao quartel Moncada e 26 meses após o desembarque do Granma, caía o regime de Batista e triunfavam os revolucionários do Movimento 26 de Julho, para acabar com 60 anos de pseudo-república e abrir uma página radicalmente nova na história de Cuba.<sup>8</sup>

Com a revolução de 1959, a ilha caribenha passa a ocupar lugar de destaque na geopolítica da América Latina e, até mesmo, na internacional. Fidel Castro, em plena Guerra Fria, adere à União Soviética e passa a fazer parte do bloco socialista. O “perigo vermelho” desembarca na América, acirrando ainda mais as hostilidades entre Cuba e os EUA.

### **A historiografia da Revolução Cubana**

A Revolução Cubana sempre despertou interesse para vários debates devido às controvérsias ideológicas sobre o que de fato ocorreu na ilha em primeiro de Janeiro de 1959. Uma revolução armada promovida por guerrilheiros e camponeses que conseguiu derrubar uma ditadura que fora apoiada pelos EUA e que, em um curto espaço de tempo, irá declarar-se socialista, passa a ser foco de vários estudos. No entanto, talvez a maior embate sobre a Revolução Cubana seja em relação ao seu caráter ideológico. Seria objetivo de Fidel Castro e seus guerrilheiros realizarem uma revolução socialista na ilha? Ou o que ocorreu foi apenas um levante armado “popular” de caráter nacionalista contra a ditadura de Fulgêncio Batista e a influência exercida na ilha pelos EUA?

O primeiro ponto a ser destacado é se de fato o que ocorreu em Cuba em 1959 foi uma Revolução. Raymond Williams<sup>9</sup> um dos autores que discute o desenvolvimento histórico da palavra Revolução, permite-nos analisar a Revolução como uma “ação contra uma ordem estabelecida”<sup>10</sup>. Outro conceito associado à ação de Fidel e seus guerrilheiro também correlaciona com mais um sentido de Revolução; este, por sua vez, está associado à rebelião, “levante ou oposição armados e, por extensão, resistência aberta à autoridade”<sup>11</sup>. Podemos então perceber

<sup>8</sup> SADER, Emir. *A Revolução Cubana*, p. 41.

<sup>9</sup> WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>10</sup> WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, p. 357.

<sup>11</sup> WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, p. 357.



que a iniciativa de Fidel Castro e da guerrilha é explicável a partir dos dois conceitos apresentados por Williams.

Essa discussão sobre ser ou não uma Revolução também é retratada por Emir Sader, quando o autor analisa o evento de forma mais abrangente:

A revolução cubana de 1959 foi a continuidade das frustradas lutas de independências iniciadas na segunda metade do século passado e pode ser caracterizada efetivamente como uma *revolução* não pelo fato de ter tomado o poder, mas por ter desenvolvido um processo de transformações radicais das estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas que fizeram de Cuba o primeiro país socialista da América Latina e do mundo ocidental.<sup>12</sup>

O mesmo autor, ao exaltar a legitimidade da Revolução Cubana, enumera algumas características sobre o caráter revolucionário cubano, ponto principal de discussão abordado neste capítulo. Segundo o Emir Sader, o movimento cubano tinha em seu projeto promover uma mudança de caráter socialista.

A revolução cubana é um dos poucos exemplos neste continente que realmente merece o nome de *revolução*, qualquer que seja o juízo que se faça sobre o seu caráter. Ela não é apenas um produto histórico da mobilização popular, mas é o desenvolvimento de um programa de transformações democráticas, nacionais e socialistas.<sup>13</sup>

Ao mesmo tempo em que o autor elabora uma concepção de que a Revolução Cubana contribui para a formação do socialismo na ilha, ele afirma que essa ideologia socialista “surgiu onde menos se esperava que existissem as condições para o socialismo – num país com pequena classe operária..., como nem sequer foi dirigida por marxistas – socialistas ou comunistas”<sup>14</sup>. Embora as condições e os objetivos da revolução cubana não demonstrem nitidamente a intenção de formar um Estado socialista, é importante ressaltar que foi essa revolução que transformou Cuba em um dos países que mais procurou almejar a uma sociedade mais justa e igualitária de acordo com os moldes socialistas.

A questão da estratégia utilizada por Fidel Castro na luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista é fundamental para o entendimento do caráter da revolução. Podemos observar que a luta de guerrilha foi uma estratégia comum em países considerados de Terceiro Mundo a partir dos anos quarenta no século XX. Segundo Eric Hobsbawm,

Após, 1945, a forma básica de luta revolucionária no Terceiro Mundo, ou seja, em qualquer parte do mundo, parecia ser a guerra de guerrilha. Uma “cronologia de

<sup>12</sup> SADER, Emir. *A Revolução Cubana*, p. 5.

<sup>13</sup> SADER, Emir. *A Revolução Cubana*, p. 5-6.

<sup>14</sup> SADER, Emir. *A Revolução Cubana*, p. 6-7.





grandes guerras de guerrilha” compilada em meados da década de 1970 relacionava 32 delas depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Todas, com exceção de três, aconteceram fora da Europa e da América do Norte.<sup>15</sup>

Hobsbawm também analisa a Revolução Cubana dentro desse contexto de guerras de guerrilha associando a vitória de Fidel Castro à fragilidade do governo de Fulgêncio Batista, que era corrupto e sem apoio real<sup>16</sup>. Sobre o caráter revolucionário cubano, o autor descarta qualquer possibilidade de ser um movimento de origem socialista ou comunista. Para ele, seus líderes não demonstravam interesses em implantar o socialismo na Ilha, nem mesmo os membros do Partido Comunista que havia em Cuba eram simpatizantes de Fidel Castro. A opção pelo socialismo em Cuba talvez seja impulsionada por forças do contexto histórico em que ela ocorreu.

Embora radicais, nem Fidel Castro, nem qualquer de seus camaradas eram comunistas, nem (com duas exceções) jamais disseram ter simpatias marxistas de qualquer tipo. Na verdade, o Partido Comunista cubano, o único partido comunista de massa além do chileno, era notadamente não simpático a Fidel... No entanto, tudo empurrava o movimento fidelista na direção do comunismo, desde a ideologia social-revolucionária daqueles que tinham probabilidade de fazer insurreições armadas de guerrilha até o anticomunismo na década de 1950 do senador McCarthy, que automaticamente inclinava os rebeldes latinos antiimperialistas a olhar Marx com mais bondade. A Guerra Fria global fez o resto.<sup>17</sup>

Tendo como base a importância da guerrilha para as revoluções no Terceiro Mundo, como analisou Hobsbawm, Florestan Fernandes atribui o papel da guerrilha como fundamental para a construção do socialismo em Cuba: a guerra de guerrilha representaria o agente transformador da sociedade cubana rumo aos ideais socialistas.

206

A essência da revolução cubana não está em ter desatado o nó górdio do neocolonialismo e da dominação imperialista, mas na construção de um caminho socialista para o futuro... sem a guerrilha não haveria nem conquista do poder nem transição para o socialismo...a constituição de uma situação revolucionária, que converteu a guerrilha no meio cubano de chegar ao socialismo; e a guerrilha que permitiu, a um tempo, desagregar a capacidade de resistência da tirania burguesa e neutralizar a dominação imperialista dos Estados Unidos.<sup>18</sup>

Nessa discussão sobre o caráter da Revolução Cubana, podemos observar que a Revolução, pelo que tudo indica, não tinha como principal objetivo implantar o socialismo na Ilha. Havia outros objetivos que se sobrepunham ao ideário socialista, entre eles, resistir à influência norte-americana no país desde o processo de independência e à ditadura de Fulgêncio Batista que sufocava a sociedade cubana. O caráter socialista passa a ser foco depois de resolvidas

<sup>15</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 425.

<sup>16</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, p. 426.

<sup>17</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, p. 427.

<sup>18</sup> FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 89-90.



as questões primordiais da Revolução: ditadura de Fulgêncio e a influência dos EUA na Ilha. Contudo, fica evidente que a Revolução Cubana é fruto de seu contexto histórico, pois talvez a adesão ao socialismo torna-se possível devido à conjuntura política e ideológica da Guerra Fria. Seria o socialismo não um ideário concreto, mas a alternativa mais adequada para aquele momento histórico. Parece que, por mais que não houvesse um plano socialista na Revolução, ela apresentava algumas bases que ajudariam na formação do socialismo: a guerrilha, o pensamento ideológico de um de seus líderes (Ernesto Guevara), o rompimento com os EUA e o apoio popular. Podemos concluir que a Revolução criou algumas situações e estruturas que contribuíram consideravelmente para a formação de um Estado socialista em Cuba.

### **A Nação: Abordagens**

Um dos princípios básicos para o sentimento e construção da nação é que haja a unidade nacional e política, postula Ernest Gellner<sup>19</sup> “O nacionalismo é, essencialmente, um princípio que defende que a unidade nacional e a unidade política devem corresponder uma a outra”<sup>20</sup>. Sendo Cuba um dos últimos países da América Latina a tornar-se independente, o país ainda não consegue totalmente sua autonomia nacional, tendo em vista a influência que os Estados Unidos exerciam sobre os países latino-americanos, baseado na “Doutrina Monroe”; isso fazia com que a ilha caribenha ficasse sob influência norte-americana. O laço que prendia Cuba à colonização espanhola foi desatado com sua independência no final do século XIX. Entretanto, os Estados Unidos, através da Emenda Platt, instituíam outras amarras.

207

Aprovada pelo Senado dos Estados Unidos em 2 de março de 1901 e pela Convenção Constituinte de Cuba em 12 de junho de 1901, convertida em apêndice a constituição... por essa emenda ficava reconhecido “o princípio de que o governo dos Estados Unidos podia intervir nos assuntos internos de Cuba” e que enquanto essas exigências não fossem aceitas continuaria a ocupação e o governo militar.<sup>21</sup>

Como ressalta Florestan Fernandes, Cuba sai da condição de Colônia da Espanha para “Neocolônia” dos Estados Unidos. “Cuba deslizou da “dominação colonial direta” (Espanha) para a “dominação colonial indireta” (Estados Unidos).<sup>22</sup>

Os interesses espanhóis e cubanos aceitaram e estimularam a incorporação ao espaço econômico, sociocultural e político dos Estados Unidos – a história foi movimentada na direção da defesa de particularismos metropolitanos e cubanos. As contradições vinculadas à modernização da colonização a ao processo de levar a colonização até ao

<sup>19</sup> GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismo*. 1 ed. Em inglês: 1983. Lisboa: Gradiva, 1993, p. 11.

<sup>20</sup> GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismo*, p. 11.

<sup>21</sup> FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*, p. 74.

<sup>22</sup> FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*, p. 10.



fundo se deslocaram da construção de uma sociedade nacional para a elaboração de uma sociedade neocolonial *strictu sensu* (ou semi-colonial).<sup>23</sup>

A partir dessa condição neocolonial, os cubanos necessitam fazer alguns ajustes para que haja a unidade política desejada. Essa, por sua vez, será concretizada com a Revolução de 1959, quando será derrubada a ditadura que assolava o país e a anulação da Emenda Platt, ambas sob influência americana. A partir dessa ideia, podemos analisar qual o projeto de Nação que será articulado por Fidel Castro para a sociedade cubana. Observamos assim que, no caso cubano, a unidade nacional acontece primeiro que a unidade política e não há uma articulação interdependente entre as duas. Mas o sentimento nacional se encontrava prejudicado uma vez que a unidade política que Gellner afirma ser necessária para as nações era limitada pela intervenção norte-americana. Enquanto a Ementa Platt prevalecia, a nação cubana se encontrava incompleta. Interpretando o caso cubano à luz da teoria de Gellner, pode-se dizer que o evento histórico que constituirá a formação nacional em Cuba foi a Revolução, devido ao fato de que a sociedade cubana não conseguiu absorver a influência externa que havia dentro do país desde sua independência.

Hobsbawm também estuda as nações. Analisando a relação Nação-Estado-Povo, o autor afirma:

A equação nação = Estado = povo e, especialmente, povo soberano, vinculou indubitavelmente a nação ao território, pois a estrutura e a definição dos Estados eram agora essencialmente territoriais. Implicavam também uma multiplicidade de Estados-nações assim constituídos, e de fato isso era uma consequência da autodeterminação popular.<sup>24</sup>

Podemos perceber que até 1959 a equação cubana estava confusa e incompleta, a “nação” correspondia a um Estado “independente”, influenciado pelos Estados Unidos e o povo, subjulgado por uma Ditadura. Não tinha autodeterminação.

Outro aspecto a ser abordado em relação à construção do nacionalismo cubano é o caráter social que a revolução cubana apresenta como destaca Hobsbawm, a fusão nacionalismo-revolução social foi muito relevante no século XX: “ao fazer uma apelo basicamente social-revolucionário, tais movimentos poderiam formar a matriz daquilo que se tornaria, oportunamente, os movimentos de massas nacionais de seus povos”.<sup>25</sup> Em certas circunstâncias históricas, observa Eric Hobsbawm “a nacionalidade aparecia mais frequentemente como uma

<sup>23</sup> FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: a Revolução Cubana*, p. 63.

<sup>24</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Projeto, Mito e Relidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 32.

<sup>25</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Projeto, Mito e Relidade*, p. 149.



aspecto do conflito entre os ricos e pobres, especialmente quando os dois pertenciam a diferentes nacionalidades.”<sup>26</sup>

Neste caso, podemos observar dois aspectos em relação ao caso cubano: a importância que o caráter revolucionário teve na construção do nacionalismo, uma vez que será a partir da questão social que será pautada a elaboração do projeto nacional; o outro aspecto será “conflito” que existia entre os que detinham o poder econômico em Cuba, no caso os norte-americanos, e a outra parte da sociedade cubana que era afetada pela desigualdade social e que irá aliar-se aos revolucionários entre 1953 e 1959. São esses dois aspectos que servirão de base para o nacionalismo cubano inicialmente.

Após a Primeira Guerra Mundial cresce consideravelmente entre os países mais pobres os processos de “libertação nacional”. Como afirma Hobsbawm: “A libertação no que ainda não se conhecia como Terceiro Mundo era agora vista em toda parte como “libertação nacional” ou, para os marxistas, como “libertação nacional e social”<sup>27</sup>. É nesse contexto e com essas características que será realizado o processo revolucionário cubano, em bases nacionalista-revolucionárias. Uma Revolução pautada na ideia de se autolibertar da influência estrangeira e de promover uma política voltada para as questões sociais. A imensa vontade de acabar com política imperialista norte-americana instaurada em Cuba desde sua Independência, talvez tenha sido a marca mais forte da propaganda revolucionária cubana e da construção do nacionalismo; unir o povo contra um inimigo comum, o Imperialismo, exaltando assim os ânimos da nação. A ideia de que o inimigo da nação seria o Imperialismo era comum nos países mais pobres:

A verdadeira e crescente força de libertação consistia no ressentimento contra os conquistadores, legisladores e exploradores, que costumavam ser reconhecidos como estrangeiros pela cor, costumes e hábitos, ou como contrários àqueles que eram vistos como lhes favorecendo. Era antiimperialista.<sup>28</sup>

Após a Segunda Guerra, a luta dos países pobres contra o imperialismo, em busca da autonomia nacional, tornou-se um discurso comum entre as esquerdas. Isso contribui para explicar o fato de que, após a Revolução Cubana, a adesão ao Socialismo Soviético tenha sido a escolha mais coerente de Cuba, mesmo que alguns pesquisadores afirmem que a Revolução não seja Socialista. No entanto, percebe-se no pós 1945 essa tendência dos movimentos de libertação nacional declararem-se “socialistas”, como afirma Hobsbawm:

<sup>26</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Projeto, Mito e Relidade*, p. 151.

<sup>27</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Projeto, Mito e Relidade*, p. 165.

<sup>28</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Projeto, Mito e Realidade*, p. 165.



os movimentos para a independência e a descolonização, especialmente pós 1945, sem dúvida nenhuma estavam identificados com o antiimperialismo socialista / comunista, o que talvez explique por que tantos Estados desolonizados e recém-independentes tenham se declarado de alguma forma “socialistas”- e certamente não eram apenas aqueles nos quais os socialistas e comunistas participaram ativamente das lutas de liberação.<sup>29</sup>

Após analisar a questão nacional por um viés mais político, voltado ao tripé “Estado-Nação-Povo”, partimos para outro fator, fundamental para a construção do nacionalismo, que é a ideia da “comunidade imaginada” trabalhada por Benedict Anderson e que, segundo Hobsbawm, tem sido fundamental para entender o nacionalismo:

O apelo por uma comunidade imaginária da nação parece ter vencido todos os desafios, sobretudo naqueles locais onde as ideologias estão em conflito. O que mais poderia ter lançado a Argentina e a Inglaterra em uma louca guerra por um pântano e uma pastagem acidentados e ásperos, do que a solidariedade que emana da um “nós” imaginário, em oposição a um “eles” simbólicos?<sup>30</sup>

O mesmo pode ser questionado em relação às hostilidades históricas entre Cuba e os Estados Unidos, apesar de a resistência cubana encontrar motivações bastantes concretas. No entanto, o que explica o bloqueio imposto pelos norte-americanos aos cubanos, em um mundo em que a internacionalização cada vez mais ocupa espaço? Ou dizer o mesmo em relação à aceitação ou à imposição que os habitantes da Ilha têm em relação ao Governo castrista? Teria Fidel Castro construído uma “comunidade imaginada” forte o suficientemente capaz de perdurar mais de cinquenta anos? a simbologia criada em torno do primeiro de Janeiro de 1959 seria um exemplo de “solidariedade que emana de um “nós” imaginário”? Esses questionamentos são bastante pertinentes nos debates da construção da nação, e para melhor entendermos essas indagações, é que iremos discutir a questão da consciência nacional.

Após a Segunda Guerra Mundial, muito se tem debatido o nacionalismo, principalmente na perspectiva de um movimento político. Assim como Eric Hobsbawm, Benedict Anderson destaca “o fato de que, desde a Segunda Grande Guerra, cada uma das revoluções vitoriosas têm-se definido em termos *nacionais*”<sup>31</sup>. Com base nesse argumento, podemos incluir a Revolução Cubana como um desses eventos. Como se trata de um assunto bastante complexo e peculiar, estudaremos como o processo revolucionário cubano de 1953 a 1959 tornou-se um símbolo da nação cubana, uma vez que esse evento tornou-se entidade histórica na vida do país. Para essa análise, partiremos dos princípios e conceitos trabalhados por Benedict Anderson. Ele parte da ideia:

<sup>29</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Projeto, Mito e Relidade*, p. 178.

<sup>30</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Projeto, Mito e Relidade*, p. 195.

<sup>31</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática. 198, p. 10.



de que a nacionalidade, ou, como talvez se prefira dizer, devido às múltiplas significações dessa palavra, *nation-ness*, bem como o nacionalismo, são artefatos culturais de um tipo peculiar. Para compreendê-los adequadamente é preciso que consideremos com cuidado como se tornaram entidades históricas, de que modo seus significados se alteraram no decorrer do tempo, e por que, hoje em dia, inspiram uma legitimidade emocional tão profunda.<sup>32</sup>

Definir com convicção o que seria a nação seria algo muito complexo de ser abordado, ainda mais na perspectiva política em que cada Estado elabora seu projeto de nação, como já foi dito anteriormente, uma vez que primeiro se forma o Estado, para depois vir a ideia da nação. No entanto, podemos partir de algumas definições que aproximam mais com a ideia política da nação como uma comunidade política imaginada como afirma Benedict Anderson:

Dentro de um espírito antropológico, proponho, então, a seguinte definição para nação: ela é uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana.

Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conheceram a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão.<sup>33</sup>

Nesse caso, podemos perceber que dentro de uma perspectiva mais ideológica e imaginada, a Revolução Cubana conseguiu agregar o povo cubano em volta de um acontecimento, que mesmo os que não fizeram parte do Exército rebelde de Fidel Castro sintam-se contagiados pelo sentimento de vitória. Muitos sequer aderiram à guerrilha, mas compartilham dela. As datas, os monumentos, os estabelecimentos públicos, as comemorações, vários elementos presente no cotidiano cubano relembra a luta de Fidel Castro e seus companheiros.

No entanto, devemos ressaltar que toda essa construção ideológica em torno da Revolução Cubana era também limitada, como afirma Benedict Anderson:

A nação é imaginada como limitada, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações. Nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade. Em os nacionalistas mais messiânicos sonham com um dia em que todos os membros da raça humana se juntem a sua nação.<sup>34</sup>

Nem todos que viviam em Cuba aderiram a causa castrista, havia também outros povos interessados em desconstruir a ideia de nação que a revolução começara a construir. Como o ataque a Baía dos Porcos em 1961, que contou com a ajuda de anticastristas e a influência norte-americana, porém, esse evento também demonstrou que a população havia aderido ao Estado, pois a população pegou em armas para defender a soberania do povo cubano em prol da

<sup>32</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 12.

<sup>33</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 14.

<sup>34</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 15.



Revolução, como afirma Benedict Anderson “essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas”.<sup>35</sup>

Outro caso que também expressa a ideia de nação como uma comunidade imaginada e limitada, pode ser exemplificado na atitude fracassada de um dos principais líderes da Revolução Cubana, Ernesto Guevara, em disseminar o sucesso do movimento por toda a América Latina. Nesse caso, o fracasso demonstra que nem todos queriam fazer parte de uma nação que remetesse ao que ocorreu em Cuba e mesmo que quisessem foram impedidos de concretizar suas aspiração. Em um contexto de Guerra Fria a a Revolução Social representava um mal exemplo para a América Latina, segundo as intenções que tinham os Estados Unidos para o continente.

Benedict Anderson ainda aborda a simbologia que existe na cultura do nacionalismo em cultivar e homenagear aqueles que morreram em combate, mesmo aqueles que não conseguiram ter seus restos mortais encontrados. Mesmo que os túmulos estejam vazios, o respeito e a reverência são fundamentais para a exaltação e construção de uma cultura nacional.

Não há símbolo mais impressionante da moderna cultura do nacionalismo do que os cenotáfios e os túmulos de Soldados Desconhecidos. A reverência pública ritual outorgada a tais monumentos, precisamente *porque* estão deliberadamente vazios, ou ninguém sabe que jaz dentro deles, não encontra precedentes em épocas passadas(...) Por mais que esses túmulos estejam vazios de quaisquer restos mortais identificáveis, ou almas imortais, eles estão, porém, saturados de fantasmagóricas imaginações nacionais.<sup>36</sup>

212

Fidel Castro após triunfar em 1959 não perdeu tempo em homenagear todos aqueles que morreram no processo revolucionário cubano, não só aqueles que lutaram em Sierra Maestra após sua volta do México, mas aqueles também que morreram no ataque ao Quartel Moncada em 1953. Em relação aos que morreram em 1953, Fidel Castro exalta: “Serão algum dia desenterrados e levados nos ombros do povo até o monumento que, junto ao túmulo de Martí, a pátria livre deverá erigir aos ‘Mártires do Centenário’”<sup>37</sup>. O culto àqueles que deram a vida em prol de um ideal, são lembrados, reverenciados e homenageados constantemente em Cuba, seja em datas comemorativas, como o 26 de Julho, seja em túmulos ou monumentos. Isso demonstra que foi construída toda uma cultura nacional em torno dos que morreram no processo revolucionário.

<sup>35</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 16.

<sup>36</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 17.

<sup>37</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 60.



Podemos observar que Benedict Anderson, complementa a ideia de nação de Eric Hobsbawm e Ernest Gellner, uma vez que esses últimos, enfatizam mais a questão político-ideológica do nacionalismo, enquanto Anderson foca mais nas questões culturais que envolvem a nação: “o nacionalismo deve ser compreendido pondo-o lado a lado, não com ideologias políticas abraçadas conscientemente, mas com os sistemas culturais amplos que o precedem, a partir dos quais-bem como contra os quais- passam a existir.”<sup>38</sup>

Anderson além de trabalhar a questão nacional como uma comunidade imaginada também corrobora com Hobsbawm ao dizer que “A última onda” de nacionalismos, a maioria deles nos territórios coloniais da Ásia e da África, foi originalmente uma resposta ao novo estilo de imperialismo mundial<sup>39</sup>. Podemos assim afirmar que uma das características fundamentais na construção do nacionalismo cubano é a luta contra o imperialismo norte-americano. O caso cubano é contemporâneo à revolução e ao nacionalismo. Foi construída, através da revolução em 1959, uma ideia de nação para Cuba, que é peculiar às demais, como prevê o nacionalismo. Mesmo que outros países a tenham como inspiração é o que afirma Anderson:

Nossos três países socialistas em guerra são concretizações contemporâneas: a revolução e o nacionalismo. Talvez seja fácil demais esquecer que esse par, tal como o capitalismo e o marxismo, são *invenções* de que não se pode registrar patentes. Aí estão elas, por assim dizer, para serem plagiadas. É desses plágios, e *apenas* deles, que provém está anomalia tão conhecida: sociedades como as de Cuba, Albânia e China, que, na medida em que são socialista-revolucionárias concebem-se como “à frente” das da França, Suíça e Estados Unidos.<sup>40</sup>

213

Podemos então perceber que revolução e nacionalismo andaram juntos em Cuba e se completaram. Sem a revolução o sentimento nacionalista estava praticamente inativo. A revolução ativou o sentimento de pertencimento à nação do povo cubano, criando uma comunidade imaginada. Podemos agora afirmar que a revolução é a força motriz do nacionalismo cubano.

O modelo de nacionalismo oficial adquire relevância, acima de tudo, no momento em que os revolucionários são bem-sucedidos em assumir o controle do Estado, e, pela primeira vez, encontram-se em condições de utilizar o poder do Estado na busca de suas visões.<sup>41</sup>

A construção do nacionalismo cubano foi realizada por meio do processo revolucionário entre 1953-59, pois será esse processo que irá conter os princípios básicos e

<sup>38</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 20.

<sup>39</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 152.

<sup>40</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 170.

<sup>41</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 174.





necessários para o sentimento nacionalista em Cuba. Primeiro porque trouxe a unidade política para o território, eliminada a influência não só política, mas também, econômica que os Estados Unidos exerciam no país. Segundo, porque se pensarmos a ideia de nação como uma identificação entre Estado e Povo, visando à autodeterminação “popular”, isso só irá ocorrer com o fim da Ditadura que, por sua vez, foi derrubada pela revolução. E, por último, a concepção de nação como uma “comunidade imaginada”, cheia de símbolos, é construída por meio da revolução. São os acontecimentos do processo revolucionário cubano e seus líderes que serão lembrados e exaltados como símbolos da nação cubana em praças, hospitais, escolas, cidades, parques, datas e monumentos históricos<sup>42</sup>. A partir desses princípios, podemos agora perceber que o nacionalismo cubano ganha forma e conteúdo com os acontecimentos e com as pessoas que participaram ou contribuíram para o sucesso da revolução.

### Fidel Castro e a Nação

Após analisarmos a importância que teve a revolução na construção do nacionalismo cubano, veremos agora qual o projeto de nação que o principal líder revolucionário pensou para Cuba. Segundo Anderson: “O único traço característico desse estilo de nacionalismo era, e é, ser ele *oficial* – isto é, algo que emana do Estado e que, antes e acima de tudo, serve aos interesses do Estado”.<sup>43</sup>

214

Fidel Castro comandou o país após revolução por várias décadas. O projeto de nação pensado por ele foi elaborado um pouco antes da Revolução. Depois do fracasso no ataque ao Quartel Moncada em 1953 e de sua prisão, Fidel Castro escreveu um livro que mais tarde tornou-se seu projeto de governo para Cuba. Nesse livro que estão contidas as informações sobre que modelo de nação foi pensado para os cubanos. No seu livro, Castro fala que a solução para os problemas de Cuba só ocorreria pela via revolucionária. Não bastava apenas pegar em armas, era necessário também que fosse construída uma identificação da “massa” com as ideias revolucionárias. Para isso, foi publicado cerca de cem mil exemplares do discurso para que a população fosse informada da visão do autor acerca do que estava acontecendo e do que seria projetado para Cuba. Percebe-se que a propaganda e a divulgação das ideias revolucionárias seriam fundamentais para o sucesso da revolução, “Sem propaganda não há movimento de

---

<sup>42</sup> Não ignoramos que embora convirjam no aspecto assinalado, Hobsbawm e Anderson divergem em partes importantes. O primeiro destaca o caráter mais pacífico e “artificial” na formação das nações, ao passo que o segundo postula que as nações surgiram, inicialmente, como resultado de um processo histórico semi-furtiva.

<sup>43</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*, p. 174.



massas; sem movimento de massas não há revolução possível”<sup>44</sup>. Sabemos da importância que a propaganda exerce na construção do nacionalismo, e Fidel já estava ciente de que precisaria dela para a revolução e para a construção do ideário da nação. Percebendo a força que o discurso de Fidel Castro teria contra o regime autoritário, várias medidas foram tomadas para poder tentar censurá-lo e isolá-lo.

Em seu discurso de defesa, Fidel fala sobre um dos princípios abordados para a construção do nacionalismo, que é a soberania popular, presente na equação Estado-Nação-Povo. Ele afirma está lutando contra um regime que oprime a Nação e que assumiu o poder de forma inconstitucional. “Promovemos rebelião contra um único poder, ilegítimo, que usurpou e reuniu num só os poderes Legislativo e Executivo do país”.<sup>45</sup>

Em busca de criar uma simbologia em torno do processo revolucionário cubano, Fidel relembra o ataque ao Quartel Moncada exaltando a bravura de seus combatentes e desqualificando os militares que deram o golpe militar em Cuba no dia dez de março de 1952. Nesse trecho, outra marca começa se evidenciar no ideário de uma consciência nacional revolucionária que é a idealização daqueles que morreram em prol da Revolução que foram martirizados por Fidel: “Entre os seus componentes estava Abel Santamaría, o mais generoso, querido e intrépido de nossos jovens, cuja gloriosa resistência o imortaliza perante a História de Cuba”.<sup>46</sup>

215

É necessário que me detenha um pouco no exame dos fatos. O próprio governo disse que o ataque foi realizado com tanta precisão e perfeição que evidenciava a presença de peritos militares na elaboração do plano. Nada mais absurdo! O plano foi traçado por um grupo de jovens, nenhum dos quais tinha experiência militar. Com exceção de dois deles que não estão mortos nem presos, vou revelar seu nomes: Abel Santamaría, José Luis Tasende, Renato Guitart Rosell, Pedro Miret, Jesús Montané e o que vos fala. A metade morreu, e, num justo tributo à sua memória, posso dizer que não eram peritos militares, mas possuíam suficiente patriotismo para dar, em igualdade de condições, uma respeitável surra em todos os generais do 10 de março, que não são militares nem patriotas.<sup>47</sup>

Podemos agora, através dos escritos de Fidel, entender que existe a tentativa de criar uma “comunidade imaginada” com vários símbolos do processo revolucionário.

<sup>44</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 4.

<sup>45</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 18.

<sup>46</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 23.

<sup>47</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 19-20.



Outro aspecto evidente na construção do nacionalismo cubano será o caráter social que havia no projeto da revolução, uma vez que Fidel contava com a parte mais desfavorecida de recursos. É instrutivo verificar o lugar e o significado do “povo” cubano no discurso de Fidel:

Ao enfrentar a luta, convocamos o povo, os seiscentos mil cubanos que estão sem trabalho (...) os quinhentos mil operários do campo que vivem nos *bohíos* (...) os quatrocentos mil operários industriais e braçais (...) os cem mil pequenos agricultores que vivem e morrem trabalhando em uma terra que não é sua (...) os trinta mil professores primários e demais professores, tão abnegados, sacrificados (...) os vinte mil pequenos comerciantes esmagados pela dívida (...) os dez mil jovens profissionais (...) que ao sair das escolas (...), encontram-se num beco sem saída.<sup>48</sup>

Além de contar com o apoio do povo cubano Fidel também fala de algumas leis revolucionárias que seriam adotadas e divulgadas via rádio em Cuba caso o ataque ao Quartel Moncada obtivesse sucesso. A primeira dessas leis encaminhava para uma política que visava devolver ao povo sua autonomia, “A primeira lei revolucionária restituía a soberania ao povo”<sup>49</sup>. A segunda lei revolucionária tinha como objetivo promover uma espécie de “reforma agrária” em Cuba, pois:

A segunda lei revolucionária concedia a propriedade da terra, desimpedida e intransferível, a todos os colonos, subcolonos, arrendatários, parceiros e posseiros que ocupassem parcelas de cinco o menos *caballerías* de terra, indenizando o Estado a seus antigos proprietários à base de renda média das referidas parcelas no curso de dez anos.<sup>50</sup>

A terceira e a quarta lei surgem carregadas de princípios “socialistas”. São leis que beneficiam a classe trabalhadora cubana. A terceira lei

outorgava aos operários e empregados o direito à participação de trinta por cento dos lucros de todas as grandes empresas industriais, mercantis e minerais, inclusive as centrais açucareiras. (...) A quarta lei revolucionária concedia a todos os colonos o direito de participar de cinquenta e cinco por cento do rendimento da cana e a cota mínima de quarenta mil arrobas a todos os pequenos colonos que fossem estabelecidos há três ou mais anos.<sup>51</sup>

Percebem-se que essas leis visam sempre a uma maior distribuição da riqueza entre o povo cubano. São leis que estão sempre voltadas para as questões mais sociais. A quinta e última lei também apresenta um caráter distributivo de riqueza, uma vez que estabelece a:

Confiscação total dos bens de todos os dilapidadores dos bens públicos de todos os governos e dos seus coniventes e herdeiros, tanto dos bens percebidos por testamento ou sem testamento de maneira fraudulenta (...) a metade dos bens recuperados iria

<sup>48</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 34-35.

<sup>49</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 36.

<sup>50</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 34-37.

<sup>51</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 37.



para as caixas dos pensionatos operários e a outra metade para os hospitais, asilos e casas beneficentes.<sup>52</sup>

Podemos notar que o projeto que Fidel Castro tinha para Cuba, tomando como base as leis revolucionárias, contém medidas que colocam o Estado como tutor das riquezas do país, e esse por sua vez agindo em prol da sociedade visando a uma distribuição mais justa da riqueza cubana; beneficiando assim as classes trabalhadoras. O projeto de Estado castrista ainda demonstra plena solidariedade entre Cuba e os países democráticos da América. Fidel ainda fala de outras medidas que visavam reformar a educação e o campo e nacionalizar a riqueza cubana:

Tais leis seriam logo proclamadas. A seguir, uma vez terminada a luta e com o estudo prévio e minucioso de seu conteúdo e alcance, viria outra série de leis e medidas igualmente fundamentais: a Reforma Agrária, a Reforma Integral do Ensino e a Nacionalização do *Truste* de Eletricidade e do *Truste* Telefônico, a devolução ao povo do excesso ilegal na cobrança de suas tarifas e o pagamento de todas as quantias sonegadas à Fazenda Pública.<sup>53</sup>

Outro princípio relevante que deve ser destacado no discurso de Fidel que, apesar de não ser o ponto principal na construção da nação cubana, não pode deixar de ser citado são a rememoração e a inspiração dos feitos e alguns escritos de José Martí, considerado por Castro talvez a principal inspiração ideológica do processo revolucionário cubano:

Impediram, da mesma forma que chegassem às minhas mãos os livros de Martí. Parece que a censura da prisão os considerou demasiado subversivos. Ou será porque considere Martí o autor intelectual do 26 de Julho? Fui impedido, além disso, de trazer a este julgamento obras de consulta sobre qualquer matéria. Não importa! Trago no coração os ensinamentos do Mestre e no pensamento as nobres idéias de todos os homens que defenderam a liberdade dos povos.<sup>54</sup>

Além de utilizar José Martí como inspiração político-ideológica, Fidel Castro também cita alguns de seus escritos-falas, colocando os que combateram na revolução em um patamar semelhante ao de Martí:

Aos que me chamarem sonhador, responderei como Martí: “O verdadeiro homem não olha de que lado se vive melhor, mas sim de que lado está o dever; e esse é único homem prático cujo sonho de hoje será a lei de amanhã, porque aquele que tenha posto os olhos nas entranhas do universo e visto os povos inflamados e ensangüentados, na masseira dos séculos, sabe que o porvir, sem uma única exceção, está do lado do dever”.<sup>55</sup>

<sup>52</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 37-38.

<sup>53</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 38.

<sup>54</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 14-15.

<sup>55</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 47-48.



Percebe-se que no ideário nacional de Castro a exaltação dos feitos e escritos de Martí são de fundamental importância na construção de um personagem histórico nacional que lutou pela liberdade do povo cubano.

A ideia da nação presente nos escritos de Fidel passa por alguns pontos fundamentais que merecem ser destacados: o incondicional apoio popular, a “limpeza” das instituições e dos funcionários que foram contaminados pela ditadura, o desenvolvimento da indústria no país, a confecção de reformas que beneficiam a população, a nacionalização da riqueza que estava sob influência estrangeira e a promoção de uma distribuição mais justa da renda. Fidel Castro ainda ressalta outro ponto importante que é o investimento na educação, pois “Um povo culto sempre será forte e livre”<sup>56</sup>. E no sentido de criar alguns símbolos para a nação o tempo todo Fidel relembra e exalta, com frequência o ataque ao Quartel Moncada, o dia 26 de Julho de 1953, exaltando a bravura dos que participaram do ataque e homenageando os que por ventura morreram.

### Considerações Finais

Em pleno período de Guerra Fria, no “quintal” dos Estados Unidos, Fidel Castro e seus companheiros concretizam uma luta revolucionária iniciada em 1953, com a tentativa de tomar de assalto o Quartel Moncada e concretizada em 1959 com a chegada dos revolucionários na capital Havana. Dois anos mais tarde Cuba declara-se um estado socialista apoiado pela União Soviética.

Durante esse período revolucionário, o principal líder da revolução, Fidel Castro, escreveu e publicou um livro que serviu como projeto base de seu governo. As ideias presentes nesse livro foram fundamentais para entendermos como foi pensada a ideia da nação em Cuba. No entanto, esse entendimento só se torna possível na medida em que é correlacionado com o contexto revolucionário e com as teorias a respeito da nação.

Observamos que o ideário nacional castrista passa pela revolução: o apoio do povo à causa revolucionária, o fim da ditadura militar, a implementação de políticas sociais que beneficiem o povo e a construção de símbolos nacionais que retomem ou relembrem o processo revolucionário cubano. A “comunidade imaginada” é fundamental para a formação de uma consciência nacional. As reformas sociais que visavam a uma maior distribuição de renda em

---

<sup>56</sup> RUIZ, Fidel Castro. *A História me Absolverá*, p. 46.



Cuba, a construção de um pensamento anti Estados Unidos, a articulação entre Estado-Nação-Povo só foram possíveis mediante a revolução.

O caráter social da revolução e a construção do nacionalismo é algo bastante forte no caso cubano. Ao integrar esses dois aspectos: o processo revolucionário cubano e a ideia de nação presente nos escritos de Fidel Castro podemos dizer que o que aconteceu em Cuba entre 1953 e 1959 desencadeou uma Revolução Nacional Social. Nacional no sentido em que foi através dela que foram desatadas as barreiras que impediam o país de se tornar uma nação autônoma e com sentimento de pertencimento. Nacional porque foi uma revolução que visava excluir a influência política e econômica dos Estados Unidos no país. Política no que diz respeito à Emenda Platt que usurpava a liberdade e autonomia em Cuba, pois os norte-americanos poderiam a qualquer momento intervir na soberania cubana. Nacional porque derrubou um regime ditatorial que era apoiado e influenciado pelos Estados Unidos. Nacional porque libertou a economia cubana das multinacionais estrangeiras que exploravam o povo cubano. Nacional porque foi por meio da revolução que foram criados os símbolos e o sentimento de pertencimento do povo cubano, a “comunidade imaginada cubana”. Social no sentido de que conseguiu seu sucesso devido a dedicação e empenho de camponeses e de pessoas dos estratos sociais mais baixos de Cuba, foram estes que pegaram em armas e enfrentaram o Exército ditatorial de Batista. Social porque o principal líder revolucionário em seu projeto de Nação afirma que as outras razões em que se baseavam as possibilidades de êxito da revolução eram de ordem social. Social no sentido que o projeto de nação pensado por Fidel os grupos mais beneficiados pós revolução foi o povo cubano. Sem a revolução, a desigualdade social que existia em Cuba, que era muito grande, talvez demorasse décadas para ser enfrentada.

219

Por meio desse estudo, podemos notar que os projetos nacionais existentes hoje na América Latina, principalmente em países como a Venezuela, Bolívia e até mesmo o Brasil, que incluem no projeto de suas nações uma política social como prioridade, seja algo que podemos correlacionar com o que ocorreu em Cuba há cinquenta anos. Ainda mais quando vemos veementes ataques do presidente venezuelano Hugo Chavez aos Estados Unidos, ou quando o presidente boliviano Evo Morales desencadeia um projeto de nacionalização das riquezas de seu país. Ou até mesmo quando o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seus dois mandatos de governo coloca como carro-chefe de seu projeto de nação as políticas sociais. Seria essa uma nova tendência da América Latina, a elaboração de projetos nacionais sociais? Seriam esses projetos uma resposta ao crescente processo de globalização que assola a América Latina?



Pauto pela análise de que uma “nova onda de projetos nacionalistas” com fortes características sociais está se tornando uma tendência na América Latina, e que para melhor entender essa ideia seria fundamental entender o caso cubano, que já apresentou indícios fortes de um nacionalismo social observados na elaboração desse trabalho.

Recebido: 26/04/2011  
Aprovado: 11/01/2012